

A Viagem e a Memória do Idoso

Ana Maria De Paris Possamai¹

Susana Gastal²

Airton Negrine³

Resumo

A partir de reflexão teórica sobre a memória e, mais especificamente, sobre a memória dos velhos em relação às suas práticas de lazer e viagens na sua juventude, o artigo apresenta pesquisa com idosos, realizada como exercício didático de pesquisa. Os resultados indicam que os entrevistados, na sua totalidade ítalo-descendentes com origens rurais, separam as práticas e viagem genericamente distribuídas em infância, juventude e maturidade, avaliando seu momento presente de vida como mais qualificado que os anteriores em termos de lazer, viagens e qualidade de vida.

Palavras-Chave

Turismo; Lazer; Memória; História das Viagens; Serra Gaúcha/RS

1 Preliminares

O artigo é produto do trabalho empírico realizado com idosos residentes na Região da Serra Gaúcha/RS, que teve como objetivo indagar sobre as viagens e práticas de lazer, sintetizando tempos vividos onde o mote foi o “Quando éramos jovens”. A realização do estudo foi construída na disciplina Turismo e Cultura, do Curso de Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. Os idosos entrevistados tinham em média 75 anos. O objetivo didático do exercício de pesquisa teve como propósito estudar as recordações dos idosos em relação às viagens que realizaram em tempos passados.

Como metodologia, utilizou-se a história oral. O instrumento de coleta de informação foi a entrevista, as quais foram realizadas pelos alunos do curso⁴. Como estratégia, cada aluno

¹ Bacharel em Turismo. Mestranda do mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. email: am.possamai@uol.com.br

² Doutor. Professor e pesquisador do mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul.

³ Doutor. Professor e pesquisador do mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul.

⁴ Participaram das entrevistas, os seguintes alunos: Andreia Cichelero ; Cristiane Kehl ; Elza Brandalise ; Fatima J. Grando ; Lisete Zechin ; Lizara Berté ; Naiara E Martini ; Josiane M. Pezzini; Julielen L. Peixoto; Keli Waskiewicz ; Leticia Rombaldi; Rafael Tierling; Roseli G. Dal Pizzol ; Samara da Silva; Silmara de Souza ; Sinval Gatto Junior ; Tatiana Canal ; Thiago Simonetto ; Vanessa C.B. Oliveira ; Vanessa Palharini

foi instigado a entrevistar um idoso de suas relações. Utilizou-se a entrevista não estruturada, a partir de um roteiro aberto. As respostas foram gravadas e transcritas posteriormente, sem a validação pelos entrevistados, já que o propósito foi o exercício didático de pesquisa. Foram realizadas 19 entrevistas com idosos de 61 a 89 anos, residentes nas cidades de Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Nova Prata e Veranópolis, situadas na região turística Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul. A análise das informações permitiu aquilatar as práticas de lazer e as viagens realizadas na juventude pelos idosos entrevistados, os meios de transporte utilizados e as motivações de seus deslocamentos. O estudo também permitiu analisar a relevância da memória individual como elemento constituinte das memórias familiar e social.

É sabido que os deslocamentos dos seres humanos são coetâneos ao surgimento das civilizações. Inicialmente os deslocamentos eram motivados pela necessidade de subsistência, posteriormente também para saudações às divindades. Os deslocamentos dos seres humanos, com o passar dos tempos, foram sendo ampliados de acordo com os propósitos e finalidades da realização de viagens. O vocábulo *viagem* aqui utilizado tem como significado o caminho que se percorre para chegar a outro lugar, que não aquele onde o indivíduo reside.

Apenas mais recentemente a viagem passou a estar associada, também, ao turismo, à aquisição de conhecimento, a revitalização da saúde, ao fenômeno esportivo e a tantas outras finalidades decorrentes de novas sensibilidades e novos modos de vida. Os registros históricos apontam que foi no decorrer do século XX que a viagem associada ao lazer ajudou a caracterização do Turismo como um fenômeno social contemporâneo. As análises críticas sobre as motivações para as viagens como fenômeno turístico apontadas por Barbosa (2002), Rejowski (2002) e por Boyer (2003) dão conta que esta é uma visão européia dos deslocamentos, o que não impede que seja por vezes adotada oficialmente como parte da história oficial do Turismo no mundo globalizado.

2 A memória, o idoso e o processo de envelhecimento

A memória associada às práticas de lazer dos idosos pode servir de parâmetro para avaliar suas vivências no presente? O vocábulo *memória* a partir deste questionamento é a variável independente, logo é imperativo que seja definida a partir de premissas científicas. Para Izquierdo (2002), a memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de

informações que o ser humano recolhe das experiências de vida. Este pesquisador ensina que somente é lembrado aquilo que ficou gravado, que foi aprendido, evocação significando, portanto, recordação, lembrança, recuperação.

Izquierdo quando disserta sobre a memória sustenta que somos aquilo que recordamos, já que não é possível fazer nem comunicar o que não esteja na nossa memória. Mas, também, somos o que resolvemos esquecer. Sustenta ainda o pesquisador que o conjunto das memórias de cada pessoa determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser. Afirma Izquierdo que nem sequer as memórias dos seres clonados (como os gêmeos univitelinos), são iguais. As experiências de vida de cada um são diferentes – já que as memórias dos humanos e dos animais provêm das experiências. Todavia, diz que a característica mais saliente da memória é o *esquecimento*. Sem ele seria impossível o convívio de qualquer espécie animal, inclusive os humanos.

A *memória* é o fator marcante da individualidade e define as identidades dos seres humanos. A memória coletiva, diz Izquierdo (1999), determina identidades de comunidades, nações ou regiões. O autor é enfático em afirmar que tudo que se sabe a respeito da memória humana, nos últimos anos, configura um conhecimento que nada se parece com que se pensava sobre ela há 50 anos. Izquierdo sustenta que, considerando o conteúdo que ela revela, se deve considerar dois tipos: *memórias declarativas ou explícitas* que se referem a tudo que podemos relatar e reconhecer como memórias, como fatos, rostos, textos; e o outro tipo seria *de procedimentos ou implícitas*, que são os hábitos, que adquirimos e evocamos mais ou menos automaticamente, como ao andar, nadar, ou ao consultar a lista telefônica sabendo de suas convenções.

Bosi (1994) descreve sua forma de pensar sobre o tema, classificando a memória em dois tipos. A *memória-hábito* e a *imagem-lembrança*. Diz à autora que a primeira faz parte do “adestramento cultural”, como os hábitos nos quais o indivíduo está inserido, como a forma de se portar à mesa, a linguagem, a vestimenta e, também as habilidades adquiridas, como dirigir, escrever, costurar, dançar, em resumo, a memória-hábito armazena tudo o que é utilizado diariamente, o que popularmente é chamado de “saber decor”. A memória *imagem-lembrança* resgata momentos únicos, com data certa, refere-se a uma situação específica e individual que, ao ser evocado traz consigo as emoções do momento vivido. Para melhor elucidar a evocação das emoções, se toma o relato de Izquierdo (2004) quando afirma que se

pode esquecer detalhes de um acontecimento, mas não se esquece da emoção. E exemplifica essa afirmação relatando uma experiência pessoal: o autor diz não lembrar-se do rosto de sua primeira namorada, entretanto lembra-se perfeitamente das emoções vividas ao seu lado.

A análise crítica dos pontos de vista dos dois autores nos leva a deduzir que aquilo que Bosi denomina de como memória-hábito, Izquierdo denomina de memória de procedimentos ou implícitas, e o que Bosi denomina de memória imagem-lembrança, Izquierdo denomina de memória declarativa ou explícita. Logo, não diferem quanto a forma de classificá-la.

Bosi sustenta ainda que a memória além de reter as informações e manifestações do presente, se relaciona com o passado. Entende que a memória criaria representações, as quais transformam a percepção do presente em experiências únicas e individuais. Para Bosi, a memória funcionaria como um espelho da realidade, sendo que tudo o que cerca o indivíduo, atos e objetos, é registrado num grande banco de dados.

Do ponto de vista da função da memória, Izquierdo (1999) é de opinião que possuímos três tipos de memórias como sistemas independentes e interligados. A *memória-trabalho* que não deixa traços, apenas mantém uma informação viva durante os segundos ou poucos minutos em que está sendo percebida ou processada. Por exemplo: se uma informação é nova e deve ser guardada, ou se já existe e deve ser evocada. A *memória de longa duração* que permanece por muitas horas, dias ou anos. Ela não se forma instantaneamente, mas num processo de várias horas, numa seqüência de passos moleculares, suscetível a numerosas influências, e a *memória de curta duração* que se traduz pelo processo ou conjunto de processos que mantém a memória funcionando durante o tempo em que a de longa duração está adquirindo sua forma definitiva. A partir desses enfoques é possível inferir o quão relevante é o funcionamento da memória na vida pessoal e social das coletividades.

A memória oral tem ganhado terreno no campo das ciências humanas. Neste campo, no qual se insere o Turismo, os estudos que buscam entender uma série de fenômenos sociais, cada vez mais caminham na direção de servir-se da história oral para compreender melhor os acontecimentos, fatos, etc., com estratégias de investigação. Na realidade, quando se utiliza a história oral como estratégia investigatória, as sínteses das memórias individuais ajudam a construir a memória coletiva dos fenômenos estudados.

Para Bosi (1994) a memória coletiva resulta de um processo de coleta de relatos, o mesmo fato relatado por diferentes integrantes do grupo, como se fosse “passado a limpo”.

Das contribuições de todos se constrói a memória coletiva, sendo que, esse processo pode ocorrer espontaneamente, em conversas informais, nas quais cada um expõe suas lembranças de determinado fato. As lembranças fazem parte do processo de reconstrução do passado vivido e presenciado, de certo modo, ao serem lembrados, os fatos produzem novas emoções e sentimentos das situações vividas.

Beauvoir (1990) no livro “A Velhice” faz referências a todo instante às lembranças. Para a autora *a lembrança* constitui uma forma dos idosos voltarem no tempo e reviverem momentos vividos. Nesta direção, Izquierdo (2004) enfatiza que como em qualquer idade, os *idosos* escolhem as memórias que querem lembrar. Para esse autor existe o tabu de que as pessoas idosas perdem a memória. Ocorre realmente uma redução de neurônios, mas essa redução tem início na idade madura e não afeta a memória de eventos passados, apenas a memória recente.

Beauvoir (1990) e Bosi (1994) chamam atenção a pouca valorização do idoso pela sociedade, o que invalidaria sua potencial capacidade de transmissão de conhecimentos. De acordo com Bosi o ambiente social é rico em diversidade e sempre o foi, dessa forma a memória dos velhos pode apresentar um mundo distinto do que conhecemos, seus relatos apresentam-se riquíssimos, suas experiências, dificuldades e superações representam a construção da sociedade atual. Na opinião dessa autora o idoso costuma mostrar-se disposto e contribuir de forma solícita. Buscam apenas encontrar ouvidos para seus relatos, afirma.

Para Bosi (1994) os idosos perderam seu papel de transmitir conhecimentos, de ensinar habilidades, de explicar processos como ocorria no passado. Beauvoir (1990) relata diferentes formas de tratamento dos idosos ao longo do tempo. Suas pesquisas apontam que havia tribos que abandonavam os velhos para morrerem de fome e frio, em outras o filho mais velho deveria jogar o pai de um penhasco quando este completasse determinada idade. Tais procedimentos seriam considerados barbáries aos olhos contemporâneos. Mas a análise criteriosa, pertinente ao abandono, ao descaso e a falta de assistência à saúde do idoso em determinados contextos nos dias atuais, remetem a situações muito mais delicadas e embaraçosas.

Todavia a memória do idoso permite a formação de elos entre o passado e o presente. A ligação de gerações através dos resgates das memórias vem ganhando destaque por meio de pesquisas realizadas em diversas áreas do conhecimento, inclusive no turismo.

3 Viajar e divertir-se quando jovens

Os entrevistados nesta pesquisa têm idades que varia entre 61 e 89 anos, portanto, sua data de nascimento pode reportar a década de 1920 o que leva, por exemplo, a que apenas três, entre os 19 ouvidos, não citem o cavalo como meio de transporte na sua juventude. Mesmo os mais jovens, hoje na faixa dos 61 ou 63 anos, citaram o cavalo como principal meio de transporte, quer para montaria, quer para tração de carretas e carroças, talvez porque a maioria dos entrevistados “*vivia da roça*”, como expressou MIPL (82)⁵, para dizer que viviam “*da plantação de milho, arroz, feijão, mandioca*”, ou seja, “*praticamente nada era comprado de comida (...) Apenas a carne bovina era comprada às vezes, quando era possível*” (MIPL, 82). Para a mesma depoente, as viagens ocorriam “*uma ou duas vezes por ano, apenas para visitar parentes na cidade próxima (...) além de fazer as compras de natal nas proximidades.*” Mesmo que estes deslocamentos se dessem pelas vizinhanças, para resolver problemas do cotidiano, eles várias vezes foram apresentados como sendo *viagens*:

(...) morávamos no interior, então nossas maiores viagens eram quando íamos a cidade montados em cavalos ou carroças puxadas por bois. Nas famílias mais ricas essas viagens eram feitas em charretes puxadas a cavalos. (MMD)⁶

O meio de transporte era cavalo, ou a pé mesmo. (...) Ninguém se importava de caminhar, estávamos acostumados (AMC, 89)

Era a pé, cavalo ou carroça. Ônibus só de Davi Canabarro até Passo Fundo, as estradas eram de chão batido. (VB, 61).

Destaca-se que os três entrevistados que não citaram o deslocamento a cavalo, residiam em núcleos urbanos e estes citaram o trem e o ônibus, como NGG (75), que teria viajado de trem entre Garibaldi e Carlos Barbosa e, em 1953, teria ido de trem até Caxias do Sul e, desta última até Ana Rech, nas cercanias, de ônibus, para passar a sua lua de mel num hotel da localidade.

⁵ Para resguardar os entrevistados, os mesmos serão apresentados apenas por suas iniciais; segue-se, em parênteses, as respectivas idades.

⁶ Idade não declarada.

As viagens de cerca de 50 anos atrás eram feitas a cavalo, posteriormente a “linha” (era percorrida por) uma espécie de ônibus com bagageiro na parte superior e coberto por lona. Estas viagens duravam o dia todo para fazer alguns quilômetros (...). A estrada possuía dificuldade de ter barrancos, pedras soltas, barro nos dias de chuva e poeira nos dias limpos. (AS., 67).

Aqui em Bento já tinha ônibus que passava todos os dias, quando eu casei. Que vinha de Carlos Barbosa, fazia Garibaldi e Bento, pela estrada Buarque de Macedo (...) E tinha outro que voltava às quatro e meia e só, sim, de tarde. (IBM, 67).

Mas, ônibus não inicia como um transporte acessível a todos, e o caminhão também foi citado, pelos entrevistados que residiam no interior, como meio de transporte.:

“algumas pessoas iam de ônibus, mas as passagens eram caras e eu não tinha condições de pagar, sendo assim, tratava de arrumar carona sobre caminhões de toras que daqui iam para Bento (Gonçalves). Estas viagens de 100 quilômetros chegavam a durar de cinco a dez horas, pois a estrada era precária (...).” (CMS, 68).

Um dos entrevistados, reportando a década de 1950, destacou as peculiaridades da paisagem que, segundo ele,

“na grande maioria mata, com uma pequena estrada de chão batido (piquete) cortando a mata. Apesar da mata havia dificuldade no caminho dos animais peçonhentos como cobras e aranhas, raposas, ouriços, cachorros do mato, porco do mato e outros. (...) A vegetação na sua maioria era pinheiro”. (AS, 67).

A aventura de viajar nos primeiros carros e ônibus não terminava aí:

”Quando a viagem era longa, a noite era passada no mato com lonas armadas na forma de barracas, onde dormiam no chão batido. Com o chegar da noite eles procuravam lenha para fazer uma fogueira, também ficava uma pessoa acordada de vigia enquanto as outras descansavam (...). Os cavalos eram acorrentados nas plantas durante a noite para não fugirem se escutassem o barulho dos leões baio⁷. (...) A alimentação era levada para viagem, pois não existia restaurantes pelas pequenas estradas. Eles levavam mantimentos como pão, salame, queijo e água que deveriam durar a viagem toda”. (AS, 67).

⁷

O leão baio é o mesmo que o também chamado vulgarmente de puma, suçuarana, onça-parda (Puma concolor). Ainda há alguns exemplares na região, e estão ameaçados de extinção (Prof. Rosana Lanser).

A entrevistada AMPR (72) reforça este último relato, dizendo que “*antigamente os hotéis eram muito caros, somente os ricos é que se hospedavam*”. A dificuldade dos deslocamentos limitava as distâncias, os habitantes do interior vinham ao núcleo urbano para assistir a missa e para compras. Esses deslocamentos eram mais freqüentes, uma ou duas vezes por mês. A maioria dos entrevistados destacou que a família viajava para visitar parentes confirmando a presença de laços familiares sólidos, no entanto, essas viagens ocorriam uma, no máximo duas vezes ao ano. Os que responderam viajar a trabalho também o faziam com mais freqüência, sendo um dos entrevistados funcionário do DAER⁸, outro proprietário de uma serraria e os outros dois viajavam levando gado de uma cidade a outra.

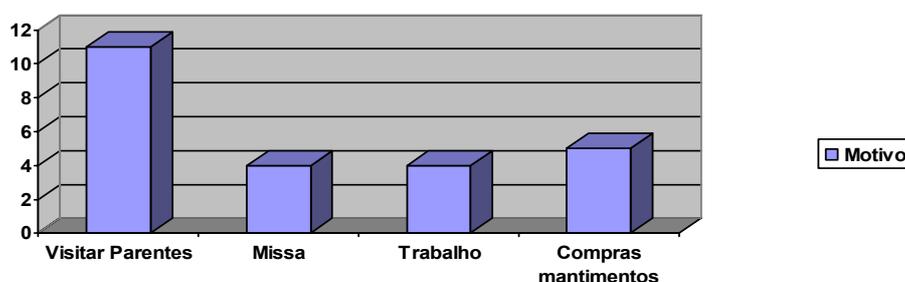


Figura 1: Motivos do deslocamento

Fonte: Os autores

As razões das viagens, na memória dos entrevistados, parecem dividir-se claramente pelas faixas etárias. No “quando era criança”, os pais é que viajavam, “*pois era longe. Demorava pois não tinha acesso à ônibus, como agora*”. (IBM, 67). As razões das viagens, neste momento – as décadas de 1930 e 1940 – associavam-se a compras, visitas aos doentes, fazer-se presente em enterros ou casamentos, ou por razões profissionais, em especial o transporte de madeira, que era uma produção econômica forte. Essas viagens eram feitas nos finais de semana e não costumavam ficar mais de três dias longe de casa, devido às tarefas que tinham em suas propriedades. Muitas vezes essas viagens de visitas aos avôs aconteciam apenas uma vez por ano, justamente devido às dificuldades de transporte⁹.

As viagens naquela época não eram para turismo e sim para visitar parentes, mudar de localidade, ir nos filós (festa de antigamente), nos velórios e enterros. (AS, 67)

⁸ Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem.

⁹ Comentando a entrevista de RCS.

(...) a gente só ia para as cidades mais próximas, só fazer compras e essas coisas. (...) naquela época os pais iam visitar os parentes. Mas (só) de vez em quando. A cada meio século... (risadas). (IBM, 67).

Não se faziam muitas viagens como hoje, somente os mais velhos como o meu pai que vendia o gado para o estado do Paraná e iam levar a cavalo, demorava dois ou três meses para fazer o percurso de ida e volta. (VB, 61).

Para aqueles que frequentaram a escola já na década de 1950, os passeios organizados por elas passam a se constituir em momentos especiais: *“tínhamos passeios com a escola em que visitávamos outras cidades, voltando no mesmo dia ou algumas vezes passando o final de semana fora” (MF, 63).* Esta faixa etária, depois, irá viajar para férias em casa de parentes, sem a companhia dos pais.

A vida adulta, e em especial o casamento, passam a demarcar um novo período e outras motivações para a viagem. Aparece a lua de mel, assim como: *“Passei a fazer algumas pequenas viagens depois que casei mas eram apenas na casa de parentes meus ou do meu falecido marido, já que antigamente os hotéis eram muito caros, somente os ricos é que se hospedavam.” (AMPR, 72)*

A terceira etapa está associada ao *depois de os filhos estarem encaminhados (MF, 63)*, quando o trabalho deixa de ser a prioridade. A mesma entrevistada explica, em relação aos seus pais: *“Com apoio dos filhos começaram a frequentar grupos de melhor idade e começaram a participar das diversas atividades, entre elas as viagens. O humor e o ânimo deles melhorou muito.” (MF, 63)*

Será neste momento que este grupo maduro irá ressignificar o turismo, quando a viagem perde o caráter utilitário de atender visitas aos mais velhos ou participação em rituais familiares como casamentos e enterros, para ser visto como *“o simples fato de sair da rotina faz a gente voltar com outro ânimo pra casa. É muito bom!” (MF, 63).* Um dos depoimentos, em termos da viagem e suas descobertas, beira o comovente, pois na comunidade pesquisada a presença do mar não era corriqueira: *“Quanto a praia, ninguém falava nada, acho que ninguém sabia que tinha ou era. Nós, mais de idade, ainda hoje não vamos, pelo menos quem mora na roça”. (JC, 82).*

*(...) quando eu tinha 50 anos, eu acho, a gente foi conhecer o mar.
(...) Foi assim, quando chegamos lá, sentir aquele cheiro daquela*

água, eu disse: Meu Deus, que coisa mais linda... Eu achava impossível que aqui, tão perto, tivesse o mar... tanta água. Depois disso comecei a ir e agora a gente vai todos os anos, fica quatro, cinco dias, mas a gente vai dar uma volta. (IBM, 67)

O novo vivenciar das viagens talvez possa ser sintetizado nas palavras de IBM: “*E dou mais um conselho, que vão conhecer, conhecer porque a gente não vai ficar aqui pra sempre.*”

Como resposta à pergunta sobre como era o lazer na sua juventude, alguns não responderam e dentre as respostas, o mais citado foi o baile, acompanhado das expressões “*havia muito respeito*” e “*não é como hoje em dia*”, referindo-se aos divertimentos noturnos e a total liberdade da juventude contemporânea. Os bailes, de acordo com os relatos, aconteciam no domingo à tarde, no salão da capela ou na residência de alguém, o pai ou um irmão mais velho acompanhavam as moças, todos deveriam estar em casa antes do anoitecer. As respostas denotam o respeito à hierarquia e aos mais velhos. A festa de colônia foi citada por uma das entrevistadas como atividade de lazer, vale lembrar que estas festas ocorriam uma vez ao ano, geralmente em comemoração ao santo padroeiro da comunidade.

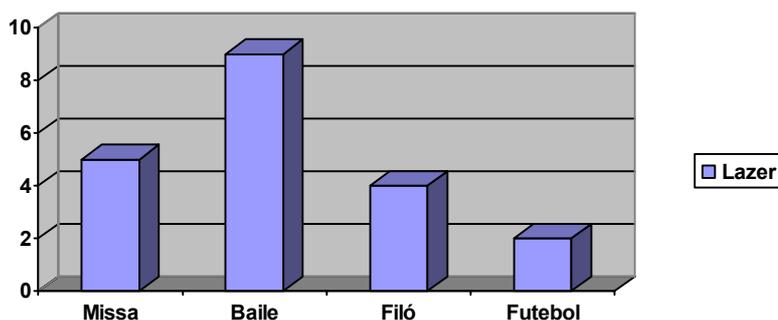


Figura 1: Formas de lazer citadas pelos entrevistados
Fonte: Os Autores

Os bailes foram muito citados, inclusive como razão para os deslocamentos. Nos bailes, “*feitos nas casas onde vinha ao gaiteiro*” (JC, 82) a “*gente se divertia muito*” (IBM, 67), “*mas tinha que chegar em casa antes do escurecer*” (FZ, 76).

Na adolescência, a opção era os bailes e reuniões dançantes nas comunidades, que não aconteciam sempre, e quando iam ajudavam os músicos a carregar os instrumentos, e alguns iam de cavalo. Iam

todos juntos, amigos, vizinhos, primos. Apenas os homens pagavam entrada e as moças não podiam dizer que não queriam dançar, era considerado falta de respeito. (IK, 65)

4 Análise e discussão das informações

Primeiramente ao fazer a relação das respostas obtidas nas entrevistas com a história do deslocamento dos seres humanos, percebe-se que há um descompasso de datas. Pode-se citar o exemplo das locomotivas a vapor (trem), utilizadas na Europa já no início do século XIX e chegadas a Serra Gaucha no início do século XX, o que justifica as respostas que colocam o cavalo como principal meio de transporte. As poucas linhas férreas ligavam os núcleos urbanos e os deslocamentos deles até a zona rural permaneciam sendo feitos com tração animal.

As informações revelaram as dificuldades de deslocamento na época e a consequente pouca frequência com que ocorriam. A dificuldade também condiciona a alimentação durante a viagem, a ser preparada com antecedência, geralmente levavam pão, queijo e salame, além do vinho para beber. Novamente surge a questão da falta de qualquer estrutura para os viajantes da época.

Outro detalhe que merece atenção é a religiosidade. A missa era motivo de deslocamento e também considerada um lazer. De acordo com os relatos colhidos, o lazer girava em torno da capela, lá aconteciam missas, terços, os homens se reuniam para jogar baralho e as mulheres para conversar após as rezas. Os filós eram outra forma de lazer, geralmente ocorriam na casa de alguém. Nos filós as mulheres faziam “dressa” e crochê e os homens jogavam baralho.

Percebe-se que havia uma integração durante as atividades de lazer, embora as distâncias fossem difíceis de serem vencidas, as pessoas buscavam dentro de suas próprias comunidades encontrar uma forma de lazer.

Assim como citado por Bosi, a expressão “hoje já não existe mais” foi uma constante nas respostas. Outra expressão constante foi “hoje é tudo mais fácil” referindo-se a questão do deslocamento. Os entrevistados lembram que em sua época de juventude ninguém possuía automóvel. Algumas pessoas possuíam caminhão para o trabalho, como o caso do entrevistado ex-proprietário de uma serraria. O caminhão foi citado por duas entrevistadas como meio de transporte utilizado para os deslocamentos de lazer quando havia alguma festa

de colônia ou para o jogo de futebol, as pessoas viajavam na carroceria do caminhão sem nenhum tipo de conforto ou segurança.

Além de fornecer informações de como eram os deslocamentos a cerca de 50, 60 anos atrás, as entrevistas possibilitaram aos entrevistadores conhecer uma realidade vivida num passado pouco distante e praticamente esquecido devido a pouca atenção dada às pessoas idosas. A coleta dos relatos possibilitou aos idosos sentir-se parte de um projeto importante e tiveram grande prazer em colaborar com as informações. Percebe-se a riqueza que a memória oral pode trazer ao turismo, não somente no desenvolvimento de projetos, mas também no contato direto com visitantes que podem por meio de conversas com pessoas idosas conhecer a história e a alma do lugar. E, para os idosos representaria uma oportunidade de inclusão na atividade, por meio de sua colaboração na manutenção da memória coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

BEAUVOIR. Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa**. Bauru: EDUSC, 2003

IZQUIERDO, Ivan (1999): Entre os segredos e as revelações do cérebro. Entrevista dada a jornalista Miriam Gusmão. **Jornal da Universidade – UFRGS**. Porto Alegre, Ano II, nº 21, Julho, p.6.

IZQUIERDO, Ivan(1999): **Memória**. Porto Alegre: Artmed.

IZQUIERDO, Ivan. **A memória**. Entrevista concedida a revista Cérebro e Mente. Disponível em : <http://www.cerebromente.org.br/n04/opiniao/izquierdo.htm>

MENEZES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002